



PINTURA CORPORAL

PATAXÓ

DE BARRA VELHA

MOYTÄXÖ WÄY TXÖ APEKÔY

PATAXÓ

UPÛ ARAHUANA'Ã MAKIAME

**GRAZIANE ANDRADE CONCEIÇÃO
THIAGO BRAZ DO NASCIMENTO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA

EDITORAÇÃO / CAPA
Gustavo Tanus

TEXTO
Graziane Andrade Conceição / Thiago Braz do Nascimento

PROJETO GRÁFICO/ARTE FINAL
Graziane Andrade Conceição / Thiago Braz do Nascimento / Gustavo Tanus

Esta obra não pode ser reproduzida total ou parcialmente sem a autorização prévia dos autores.
Produzida para o percurso acadêmico, sob orientação da Prof. Dr. Marco Scarassatti, apresentado à
Formação Intercultural de Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de
Minas Gerais, para obtenção do grau de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

C744 Conceição, Graziane Andrade
Pintura Corporal Pataxó de Barra Velha : Moytãxö Wãy Txô Apekôy Pataxó Upũ
Arahuanã'Ã Makiamé / Graziane Andrade Conceição, Thiago Braz do Nascimento. – 2016.
46f.
Orientador: Prof. Dr. Marco Scarassatti.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação, Formação Intercultural de Educadores Indígenas, 2016.

1. Pintura Corporal. 2. Pataxó de Barra Velha. I. Scarassatti, Marco. II. Pintura Corporal
Pataxó de Barra Velha : Moytãxö Wãy Txô Apekôy Pataxó Upũ Arahuanã'Ã Makiamé.

Dedicamos esse trabalho a nossa família aos colegas da turma (LAL), aos nossos entrevistados que fizeram parte desse trabalho, as lideranças das etnias Pataxó, Xacriabá, Pankararú, Maxacali. E para todo os membros da nossa aldeia barra velha e em geral todo o povo Pataxó da Bahia e Minas Gerais.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos dado condições e força para não desistir da luta, agradecemos também nossa comunidade por ter acreditado em nossa jornada aqui, lideranças, anciões e os nossos e entrevistados por ter nos ajudado na realização desse trabalho e também e nossa família mãe, pai, irmãos filhos por ter nos apoiado nesses momentos difíceis e maravilhosos que tivemos nessa importante jornada que aqui tivemos. Aos nossos cônjuges Charles Bonfim Braz e Maiara Braz Bonfim fica nosso eterno agradecimento pelas palavras de conforto e carinho em nosso cotidiano, em que tivemos distantes. A nossos filhos deixamos a mensagem de esforçarmos a cada dia para aguentar a saudades deles nos períodos de distância, que a cada momento, pensávamos neles e tirávamos forças desses pensamentos para não desistir de lutar. Aos amigos que aqui tivemos fica o nosso obrigado por ter estado sempre ao nosso lado nos apoiando e nos alegrando com seus momentos de distrações na hora tensa do nosso dia a dia (Vislandes, Saniwe, Leandro, Uilding).

Agradecemos também eternamente à instituição, UFMG, e as pessoas que fazem parte dela, professores, bolsistas, coordenadores, diretores da Faculdade de Educação por ter nos dado condições de aqui estudar, em especial a nosso professor e orientador Marco Scarassatti e a nossa querida professora a quem adotamos como mãe Maria Gorete.nte ,é diferente dentro daquela pintura que você faz então isso é muito interessante.

Resumo

Este trabalho é o registro em forma de catálogo fotográfico comentado, da pesquisa de percurso acadêmico realizada sobre a pintura corporal do povo Pataxó. Essa pesquisa foi desenvolvida na aldeia de Barra Velha, que fica localizada no extremo sul da Bahia, no município de Porto Seguro. O percurso sobre as pinturas pataxó apresenta informações obtidas em entrevistas com jovens pintores da nossa comunidade, nossos anciãos e também com alguns professores da aldeia Barra Velha. Foi relatada a presença da pintura em momentos de festividades, nos momentos de resistência pataxó e busca pela defesa do seu território. Esse trabalho também mostra o modo de preparo desde a coleta dos materiais dos quais fazemos a tinta, sua feitura, a pintura em si e o processo de transformação e evolução das pinturas na história do povo pataxó. É relevante ressaltar que durante a pesquisa as lideranças entrevistadas falam sobre os significados de cada pintura diversificados em gênero, e faixa etária e também sua importância para a identidade do povo pataxó. Esse trabalho foi escrito e fotografado de modo a preservar a memória passada de geração a geração, já que deixar registradas essas informações é respeitar a luta dos guerreiros que sofreram no massacre de 1951 e todos os grandes guerreiros que morreram e morrem na luta pela demarcação das terras indígenas.

Palavras-chave: Pintura corporal; Pataxó; Aldeia Barra Velha; Bahia.

SUMÁRIO

Introdução	7
O porquê de se registrar em fotografias a pintura corporal Pataxó.....	9
Outras reflexões sobre os caminhos para a realização dessa pesquisa.....	10
A pintura indígena pataxó antigamente em Barra Velha	13
A pintura como forma de representar e expressar o nosso pensamento	15
Materiais utilizados.....	16
Momento de preparo da tinta.....	18
Como fazer a tinta do <i>mikaré</i> (jenipapo).....	19
Como preparar a tinta do <i>kanarú</i> (urucum).....	21
Traços e significados das pinturas	23
Formas de pinturas.....	25
Considerações Finais	36
Referências	37
Anexo I	38

Introdução

No Brasil há diversas formas de definir um indivíduo como índio, ou como provoca Eduardo Viveiros de Castro “no Brasil todo mundo é índio exceto quem não é”. Podemos concordar com essa afirmação? Levando em conta todo o contexto histórico da formação do Brasil, poderíamos dizer que, grande parte da população, tem algum parentesco com indígena na sua família? O que é ser índio?

Para definir tais questões temos que conhecer a realidade de cada um dos povos indígenas que constituem o Brasil. Para nós, os Pataxó, ser índio não é só fazer parte de uma comunidade, tem que saber seus valores, estar em contato com sua cultura, manter seus costumes e tradições e, principalmente, ter parentesco e cultuar os antepassados do seu povo.

Uma das características mais marcantes e que chama a atenção nessa definição para quem nos observa, é a pintura corporal. Frequentemente podemos observar isso nas opiniões de pessoas que quando estão diante de alguns povos que tiveram seu primeiro contato com os não indígenas há muito tempo, ou melhor, povos que no processo histórico de contato e luta pela terra tiveram arrancados em duras batalhas, algumas de suas práticas culturais e, em alguns casos o próprio idioma, questionam a forma de viver e de se vestir desses povos como se eles não fossem indígenas. Essa visão estereotipada, construída pela literatura, pelo cinema, pela televisão e pelo senso comum, faz com que se espere que o indígena seja aquele que vive nu e anda pintado todos os dias. 7

No entanto, embora possamos viver e nos vestir de formas diferentes do que no passado, muitos dos povos indígenas têm a pintura como um elemento importante e simbólico na identidade e cultura próprias de cada etnia. A pintura corporal indígena tem os seus valores e suas funções dentro das etnias indígenas brasileiras. Para cada povo a pintura tem seus significados e carregam suas memórias. No caso dos Pataxó, ela representa força, união, alegria, paz, harmonia, comemorações e até mesmo *status* sociais dentro de cada aldeia. A pintura corporal indígena define momentos de realizações de atividades dentro da cultura indígena e cada povo tem suas especificidades, seus momentos, suas realizações e suas comemorações. Para os não indígenas a pintura, muitas vezes, é definida apenas como uma maquiagem, uma forma de beleza. Mas cada povo tem sua forma e maneira de definir seus traços e seus próprios modos de realizar as

pinturas corporais. Carregam em si suas especificidades, simbolismos e funções dentro da vida cultural e social de uma aldeia. A cada contexto diferente, define-se a forma e as maneiras com as quais cada pintura é realizada. Cada etnia define sua forma e traços de acordo com sua realidade por meio de observações do seu cotidiano e elementos da natureza.

Podemos notar isso na cultura Pataxó que ao longo do tempo vem aprimorando sua forma de pintar, de acordo os novos conhecimentos adquiridos através das observações dos elementos da natureza, sem perder suas características originais e sim aprimorando e agregando novos valores na sua cultura.

A pintura corporal é um bem cultural de grande valor para os Pataxó. Ela representa parte da história, sentimentos do cotidiano, os bens sagrados. Por muito tempo, as pinturas foram pouco usadas e quase se perderam. Mas hoje, depois de pesquisas e discussões em comunidade, os Pataxó retornaram a usar a pintura corporal em festas tradicionais, no dia-a-dia e em apresentações de danças.

Existem pinturas para o rosto, braços, costas e pernas. Usam-se pinturas específicas para os homens, mulheres e crianças. As pinturas têm diversidade de tamanho e significados, servem como meio de comunicação entre os membros da aldeia. Os homens e mulheres casadas usam pinturas simples para não chamar muita atenção, enquanto os solteiros e as solteiras usam pinturas e artefatos que chamem bastante atenção, com intenção de seduzir a pessoa do sexo oposto. Também existem tipos de pintura e tinta que são mais usados quando se está em estado de luta; e outros que são mais usados para simbolizar momentos de luto. Outros ainda servem para definir e mostrar a beleza de quem está pintado.

Utilizam-se os seguintes materiais para se fazer as pinturas: mikaré, kanuru, tap'oke, tawá, eaotó e txiagã, ou seja, jenipapo, urucum, carvão e barros amarelo e branco. Nas pinturas corporais, são usadas as cores vermelhas, preta e branca. A cor vermelha é usada na guerra; a preta é usada no luto de parente; e a branca significa paz.

As pinturas dos braços e do rosto são iguais para todas as aldeias e membros Pataxó. As pinturas das pernas, das costas e do tórax são livres desde que respeitem os braços e cores da tradição Pataxó e o estado de espírito de quem pinta e de quem está sendo pintado.

O porquê de se registrar em fotografias a pintura corporal Pataxó

Esse trabalho foi realizado no intuito de registrar através de fotografias e de textos escritos às formas e significados das pinturas Pataxó, para que elas não se percam ao longo do tempo, pois novos traços vêm surgindo a cada geração, o que pode significar o esquecimento de traços mais antigos dentro da comunidade Pataxó.

Há muito tempo nosso povo realiza em momentos de luto, de paz, guerras e em suas festividades, essa arte de pintar. Porém, as culturas como tudo na vida, se modificam com o passar do tempo. Isso não é diferente com a cultura Pataxó, ela vai se adaptando de acordo com o envolvimento com outras culturas. E a pintura é um exemplo disso, pois os traços vão se modificando, assim como os materiais utilizados para a pintura, desde as plantas para a extração da tinta até o material utilizado para a aplicação.

Por isso a nossa preocupação de pesquisar e registrar em imagens essa transformação da pintura do nosso povo. Assim podemos perceber modos de se fazer que foram colocados em desuso, assim como novas formas que tem aparecido. No uso e registro dessas imagens, imprimimos os traços, formas, cores, lugares e outros detalhes que nos escapariam se não fizéssemos uso da fotografia.

Optamos por fazer isso recolhendo primeiro o depoimento dos índios mais velhos, partindo de algumas questões iniciais, como por exemplo: como eles se pintavam antigamente? Quais materiais eram utilizados? Quais as ocasiões em que eles se pintavam e, também, se existiam formas diferentes de se pintar de acordo com essas ocasiões? Essas questões quando respondidas pediam a constituição de uma imagem de registro, uma impressão de luz sobre o papel que se perpetuasse para além do tempo em que a pintura fica no corpo. Notamos que ao longo do tempo a pintura pataxó foi se modificando ganhando novas formas e significados.

Outras reflexões sobre os caminhos para a realização dessa pesquisa

Para a realização dessa pesquisa contamos também com a: leitura de livros e apostilas sobre pintura corporal indígena, páginas na internet relacionadas ao assunto, e entrevistas com membros da comunidade Pataxó Barra Velha especificamente os pintores da aldeia. Como os professores de cultura apresentados abaixo:



10 Arypotxê pataxó, de 26 anos, é nascido e criado na aldeia pataxó de Barra velha, professor de língua pataxôhã dentro da comunidade em que vive juntamente com tua família, esposa e filhos desde criança e participante dos momentos culturais dentro da sua aldeia, Aripôtê, como é conhecido, é um artista quando se trata de fazer as pinturas corporais, e procurado nos seus momentos de rituais, dispõe de uma técnica incomparável para na sua comunidade.



Raoni Braz Vieira, 27 anos nascido e criado dentro da aldeia Barra velha uma liderança, dentro da comunidade em que vive desde criança acompanhou as lideranças mais velhas em reuniões e hoje se tornou vice cacique e professor de cultura em Barra

Velha e representante do povo pataxó em Portugal e atualmente é universitário no Instituto Federal da Bahia (IFBA).



Uilding Cristiano Braz, de 22 anos, é nascido e criado na aldeia indígena pataxó de Barra Velha. É um jovem muito dedicado a sua cultura dentro da sua comunidade pataxó de Barra Velha. Ele é universitário, cursa Línguas, Artes e Literatura (LAL), professor da língua *patxôhã*, e um dos jovens pintores da pintura corporal pataxó.



Humberto Júnior Braz dos Santos, de 30 anos, nascido e criado na aldeia pataxó de Barra Velha, é professor de cultura na aldeia em que vive, cursa licenciatura intercultural (LINTER) no Instituto Federal da Bahia (IFBA). Desde jovem vem desempenhando um papel importante dentro da comunidade, sempre participou dos movimentos sociais realizados na aldeia. Atualmente, Humberto é uma liderança para os jovens dentro da aldeia Barra Velha, sua opinião é muito respeitada nas reuniões realizadas dentro da nossa comunidade. Ele é um dos pintores que existe dentro da aldeia, possui uma excelente habilidade na hora de fazer a pintura corporal.



Naídia Santos Ferreira, de 68 anos, é filha do primeiro cacique da aldeia pataxó de Barra é uma pessoa integrada na comunidade uma anciã que participa diretamente das atividades cultural que são realizadas dentro da comunidade em vive. E uma detentora dos conhecimentos e historia dento da comunidade. Sempre esteve ao lado dos outros mais velhos buscando melhorias para nossa comunidade.

A pintura indígena pataxó antigamente em Barra Velha

Para o povo Pataxó os traços e grafismos da pintura corporal, provavelmente tem sua relação com os artesanatos, em especial as cestarias feitas dentro da comunidade da aldeia de Barra Velha. Esses traços surgiam do entrelaçamento das diferentes folhas de palmeiras encontradas nas matas e também em áreas litorâneas da aldeia. As palmeiras que eram usadas para se fazer as tranças eram: a Jussara e o Xandó.

As diferentes tranças, de folhas, cipós e fibras com seus diferentes traços cruzados, produzem um grafismo e um geometrismo, que formavam os próprios objetos de cestaria. Essas tranças com vários traços e formatos eram também usadas para ornamentar os Arcos e Flechas, as Lanças, o Abanador. Outros antecedentes dessas formas de representatividade, grafismos e traços encontradas nas Pinturas corporais estão igualmente presentes nos artesanatos de Barro como potes e panelas. Nesse caso, as cerâmicas eram pintadas com tinta da Cupuna, uma árvore encontrada na Mata Atlântica. Esses vasos de cerâmica são como corpos em que a tinta desliza pela superfície refazendo o grafismo dos traços constituintes das cestarias. 13

Também eram encontrados em artesanatos de madeira, onde se pegava um espeto de ferro pontiagudo, e deixava no fogo durante um tempo até ficar vermelho e faziam traços em alguns artesanatos de madeira.

Em vários momentos o povo Pataxó se utilizou de técnicas para extrair elementos da mãe natureza como casca de árvore, folhas, raízes e resinas para pintar uma roupa ou utilizar em diversos tipos de artesanatos. O que hoje chamamos de arte indígena, nas suas formas, traços, materiais e tintas eram feitas naturalmente pelos Pataxós como uma prática cultural e que hoje nos ajuda como meio de sobrevivência, de trabalho, de arte e artesanato.

Isso pode ser observado no trecho da entrevista abaixo:

A Cupuna, Arariba e a Uruba, são árvores utilizadas para extrair as tintas utilizadas nas pinturas de imbiras utilizadas nos artesanatos como: Lança e Arco era esses artesanatos que nós fazíamos. Eu era prático para fazer todo tipo de morão para fazer conta. Quem não perdeu a prática foi o pessoal de Coroa Vermelha alguns daqui fazem mais não tece. (ANANIAS PATAXÓ, 2015).

Muitos desses artesanatos eram feitos na aldeia e vendidos em Porto Seguro onde muitos saíam em grupos andando pela praia para vender seus artesanatos para turistas que vinham para a cidade, e até trocavam às vezes com comerciantes objetos como: roupas, alimentos, materiais de roça.

A pintura como forma de representar e expressar o nosso pensamento

De acordo com o professor de cultura da Aldeia Barra Velha, a aplicação de padrões gráficos no corpo está relacionada à posição social; para o nosso povo, existem desenhos reservados para determinadas categorias de indivíduos ou para ocasiões específicas. Isso pode ser observado, na fala dos anciãos que são nossas memórias e que afirmam que há muitos anos usamos as Pinturas Corporais como forma específica de nos ornamentar, preparando-nos, assim, para as cerimônias.

As pinturas também tem vários significados, né, para cada pintura tem seu significado, e para quem, para cada membro da aldeia tem uma pintura específica, tem pintura pra homem casado (*kakuseka*), homem solteiro (*kakusupakuy*), mulher casada (*beketxiá*), mulher solteira (*ãko*), tem para menino (*kitoki*), e para menina (*kitok'ihé*) tem para pajé (*gihóbóku*), tem para cacique (*akaieko*), para cada membro da aldeia existe uma pintura específica. (ARYPOTXÊ PATAXÓ, 2015).

Na cultura indígena é comum ter momentos específicos para a utilização das pinturas corporais e seus significados. Os pataxó do sul da Bahia, por sua vez, têm, dentro da sua cultura e costumes, momentos específicos para demonstrar sua pintura corporal: na luta pelo seu direitos, no momento do casamento, do luto, e no momento das cerimônias culturais de suas comunidades, como afirma Raonir, liderança pataxó: “Tem as pinturas que é pra casamento, né, tem as pinturas que são utilizados nuns diversos momentos, também tipos de rituais. (VIEIRA, 2015).

As Pinturas são feitas no *isiké* (rosto), *Agnikatõ* (braços), *Nãikô* (costas), *Apatxahây* (pernas) e *Goirã* (barriga), sendo que cada uma delas tem sua representatividade. Temos pinturas para os *Kakusú*, *Jokanas* e *Kitokip* (homens, mulheres e crianças). As Pinturas possuem diversidades de tamanho e significados, e servem como meio de comunicação entre os membros das aldeias Pataxó. Os homens e as mulheres casadas usam pinturas simples para não chamar muita atenção, jáos solteiros e as solteiras usam pinturas e adereços mais chamativos, com a intenção de seduzir a pessoa do sexo oposto. Há diversos tipos de pinturas e tintas que são utilizadas, como já dito, em diversas situações, como também, neste caso, para definir e realçar a beleza.

Materiais utilizados

Utilizamos os seguintes materiais para fazer as Pinturas: *mikaré* (jenipapo), que produz a cor preta; *Kanarú* (urucum), a cor vermelha; Tap'óke (carvão) como fixador da tinta para que não escorra no momento da Pintura com o *mikaré*. Também utilizamos a cor *txiãgá* (branca) e *ajú* (amarelo retirado do *tawá*, barro). A cor vermelha é usada nos movimentos sociais e nos jogos indígenas; já a cor preta começou a ser usada pelo povo Pataxó como forma de representar o luto de parentes, e a cor branca para significar a paz. O *mikaré* (jenipapo), que tem como nome científico *Genipa americana L.*, é uma fruta de origem brasileira, encontrada na Mata Atlântica. Muito utilizada, pelos índios, para tratamentos de doenças, e para o preparo de bebidas para o consumo em seus festejos tradicionais. A maioria das etnias brasileiras utiliza o jenipapo para extrair um líquido utilizado para fazer pinturas corporais. Esse líquido extraído em contato com a pele deixa uma cor preta que pode durar até quinze dias.



16

O *kanarú* (urucum) que tem como o nome científico *Bixaorellana*, possui grande valor medicinal, é uma árvore de pequeno porte originária da América do Sul, muito utilizada na culinária brasileira. Para os indígenas o urucum é utilizado para pintar o corpo, pois essa fruta em contato com o líquido essa solta uma tinta vermelha, que nós, pataxós, utilizamos para pintar os corpos nos momentos de rituais.



O **tawa** (barro) na cultura pataxó vem sendo utilizado há muito tempo nas construções. Com o passar do tempo foram feitas novas observações dos elementos da natureza, foi ampliada a utilização deste elemento, introduzido também como pigmento na cultura Pataxó. Hoje, o barro é usado para as construções dos *kijheme* (casa) pataxó e também para as pinturas corporais. Atualmente se utiliza duas cores de barro para juntamente com o jenipapo e o urucum pintar o corpo.



O **tap'óke** (carvão) é utilizado muito na cultura pataxó como fixador do jenipapo na pele do indivíduo que está sendo pintado. Para chegar a esse processo no momento em que vai se realizar a pintura o indivíduo que geralmente é o pintor que pega um pedaço de carvão e com um pedaço de lixa ou até mesmo uma pedra e lixam o carvão até que vire um pó. Após esse processo ele é misturado com a tinta do jenipapo, formando uma tinta com mais textura. Esse pó auxilia para que a tinta não escorra na pele e estrague a pintura.

17



Para a realização dos pequenos detalhes das pinturas, os pintores pataxó utilizam também pincéis, pequenos pedaços de talisca de coco, que são pequenas lascas retiradas da palha do coco, para que as pinturas tenham formas perfeitas.

Momento de preparo da tinta

porque assim a gente acredita assim que, ao passar da noite e o nosso mundo ele é cheio de seres [...] que a gente não vê, mas a gente acredita neles, então ao deixar essa tinta da noite para o dia a gente acredita assim que as nossas forças espirituais vem ali pra dentro daquela tinta. (Uilding Braz).

O povo Pataxó é conhecido pela sua sabedoria e conhecimento tradicional, da natureza. Para cada atividade realizada em nossas comunidades há seus momentos e rituais para que os processos sejam concluídos. Acreditamos muito no respeito à mãe natureza; cada atividade realizada nas aldeias depende dela, os Pataxó, em seu cotidiano, se orienta na maioria das vezes pela *ãgoho* (lua). Desse modo, conseguimos determinar que atividade poderá ser realizada, tanto na pesca, como na caça, no plantio, na colheita etc. Com a fabricação da tinta utilizada para a pintura corporal Pataxó não é diferente.

18

Para a realização da extração da tinta do *mikaré* (jenipapo), o povo Pataxó dispõe de técnicas e conhecimentos da natureza que os auxiliam na hora do preparo da tinta. Para esse processo é importante saber qual fase da lua é melhor para a extração da tinta, pois, dependendo de quando é realizada, a tinta não terá uma ótima qualidade e uma excelente durabilidade. De acordo com os conhecimentos tradicionais do povo, a mulher pataxó não pode participar da extração da tinta de jenipapo quando está nos seus períodos menstruais.

No caso da tinta do *kanaru* (urucum), não há muito mistério, para o preparo dessa tinta pelo povo pataxó. Cada etnia no Brasil dispõe técnicas específicas para conservação da tinta, como, por exemplo, a transformação da tinta em uma espécie de pasta rígida, para aumentar sua duração. No caso específicos dos Pataxó, no momento da pintura a semente é recolhida direto da árvore no mesmo instante em que o processo de pintura está sendo realizado.

O *tawa* (barro) que é utilizado pelos Pataxó para a pintura não é qualquer tipo de barro, porque há um específico que fixa (firma) na pele. Dessa forma, não são todas as aldeias que dispõe de determinada qualidade de barro. Assim, ele é geralmente compartilhado pelos índios, em nossos encontros tradicionais do povo pataxó. Geralmente é recolhido da natureza e conservado para as ocasiões específicas. No momento da sua utilização, é usado misturado à água para que ele possa ser aplicado na pele.

Como fazer a tinta do mikaré(jenipapo)

1º Passo. Saber e conhecer a fase da lua. Os Pataxó geralmente fabricam sua tinta na noite escura, segundo o conhecimento tradicionais a tinta fixa na pele por mais tempo.



Imagem 1: Fase crescente da Lua, melhor momento para a colheita do Jenipapo. Fotografia retirada do Google imagem. 2015.

19

2º Passo. Colher o jenipapo devidamente verde.



Imagem 2: Jenipapo. Fotografia de Thiago Pataxó. 2015.

3º Passo. Após colher o jenipapo, com um ralo comece a ralar.



Imagem 3: Jenipapo sendo ralado. Fotografia de Vi Tanawara Pataxó. 2015.

20

4º Passo. Já com uma quantidade do jenipapo ralado e hora de extrair o líquido.



Imagem 4: Extração da tinta. Fotografia de Vi Tanawara Pataxó, 2015.

5º Passo. Por fim, com a tinta pronta e hora de pintar.

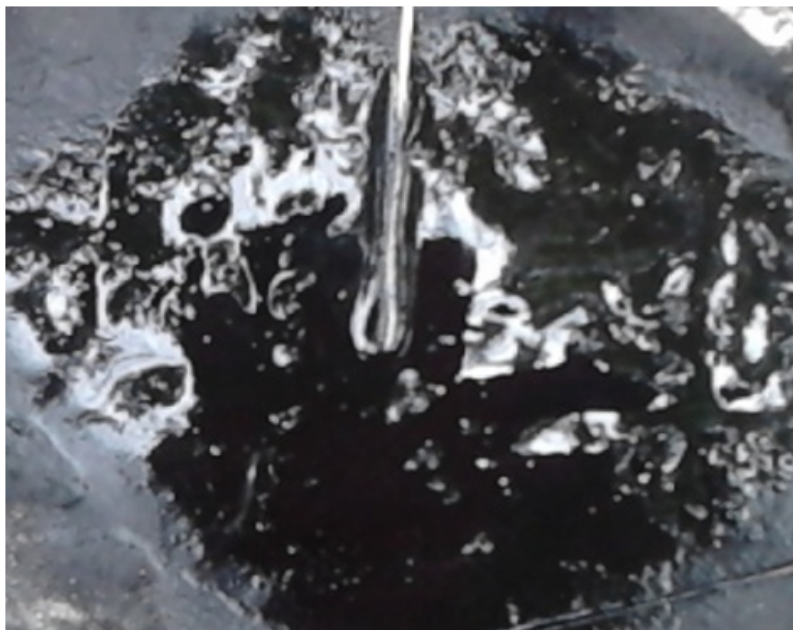


Imagem 5: Tinta pronta. Fotografia de Txihí Pataxó, 2015.

21

Como preparar a tinta do kanarú (urucum):

1º Passo. Colher o urucum devidamente maduro.

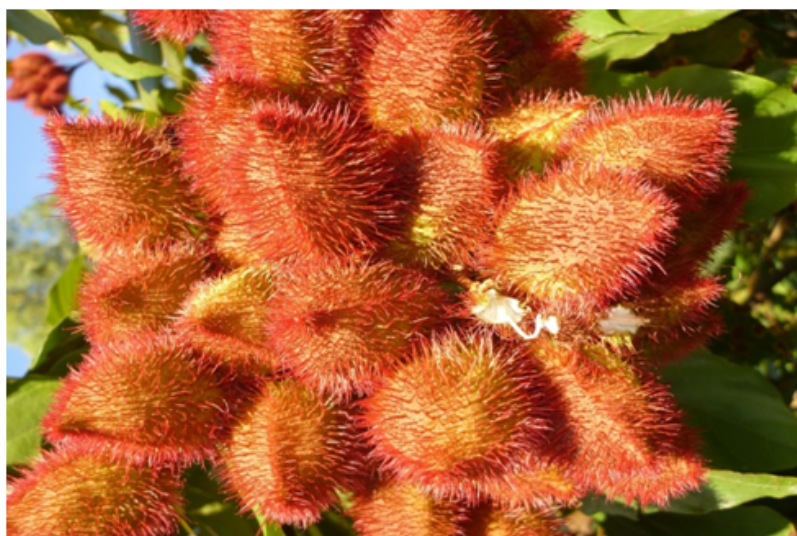


Imagem 6: *Kanaru* no pé. Fotografia de Graziane Andrade, 2015.

2º passo. Depois do urucum tirado e hora de abrir o mesmo tirar as semente e se pintar.



Imagem 7: semente de *Kanaru* aberto. Fotografia de Graziane Andrade, 2015.

22

É importante lembrar que o povo pataxó usa também o barro branco e amarelo para se pintar, retirados da natureza e armazenados para ser utilizado na hora da realização da pintura corporal. Porém essas cores não são encontradas em todas as aldeias do extremo sul da Bahia. Dessa forma, como já dito, temos que compartilhar entre nós, tais pigmentos, nos encontros culturais.

Traços e significados das pinturas

As Pinturas variam conforme a faixa etária; entre as crianças e adultos, as pinturas se diferenciam, no rosto e nas outras partes do corpo, braços e pernas. Nas costas a pintura pode ser feita de livre e espontânea vontade de quem pinta ou de quem tá sendo pintado, ou seja, a critério de ambos. Para as crianças, são mais simples em tamanhos pequenos, mas não devem faltar os traços que identificam a etnia Pataxó, que são eles: a flechinha, os traços da pintura dos braços. Nos braços são três os traços pataxó, dois menores e menos espessos, intermediados por um maior; este significando a aldeia “Mãe”, que é a primeira aldeia do povo Pataxó (Aldeia Barra Velha), e os menores, representando as aldeias menores, consideradas filhas da Aldeia-Mãe.

Nos adultos há também essa representação, com diferenças de gênero no traçado feito nos braços, e os que identificam o estado civil, mulher solteira e mulher casada, isso vale também para os homens. Esses traços vêm abaixo da pintura do braço quase no pulso, diferenciando os casados dos solteiros.

Os jovens solteiros costumam pintar usando várias cores e traços para chamar bastante atenção das pessoas do sexo oposto, além de usarem belos adereços como colares, cintos de sementes com formatos das pinturas.

O ancião da comunidade ainda mantém modo de se pintar mais tradicional, ou seja, geralmente essa pintura que é feita no corpo dessas pessoas não são muito detalhadas, muitas das vezes é feita pela própria pessoa.

A pintura corporal significa momentos de paz, harmonia, amor e beleza. No momento da realização da pintura corporal, quem está pintando e quem está sendo pintado tem que estar muito concentrados no que está sendo realizado. Ambos precisam ter muita concentração e harmonia com a natureza

23

E quando a gente fala assim em pintura ne a gente tem que voltar bastante no tempo ne nessa questão da pintura ne porque muitos falam assim que pataxó não existia pintura ne, mais pelas histórias quando a gente sabe pelos nossos mais velhos e nos momentos de rituais e principalmente e de momentos de guerras eles faziam de certa forma sua pintura ne e era o da cor vermelha ne a gente sabe que e feita com urucum, então quando hoje a gente faz uma pintura numa pessoa num parente da gente , a gente está buscando revivescia, aquilo que nossos antepassado viveram ne seja em momento de guerra ne ,que hoje a gente ta em constante em guerra ai, principalmente na questão dos movimentos sociais ai ne , contra nos indígenas , seja em momento de luto também ne, então quando a gente pinta uma pessoa, a gente está reverenciando novamente esse passado da gente ne ,e também assim de certa forma fortalecendo hoje essa

questão da nossa identidade cultural ne, essa identidade do ser pataxó ne, e eu mesmo quando eu, quando vou fazer uma pintura ne, primeiro tem aquela questão do da preparação dela da tinta, hoje por exemplo do jenipapo ne, a gente tem uma preparação dessa tinta, onde tem a lua certa, a noite certa pra gente fazer ela ne, e quando a gente faz o, a tinta na noite adequada, e nós temos que deixar ela e ficar de um dia para o outro ne ficar de um dia para o outro de uma noite para o outro para o dia, por que assim a gente acredita assim que ao passar da noite e o nosso mundo ele e cheio de seres assim que a gente não ver ne, mais a gente acredita nele ne, então ao deixar essa tinta da noite para o dia a gente acredita assim que as nossas forças ne, espirituais elas vem ali pra dentro daquela tinta ne, então a partir de quando essa tinta ta pronta, quando a gente vai pintar um parente, a gente vai levando essa força ne, essa força espiritual para o parente, então e quando e a pessoa, a gente pinta a gente também ne, a gente busca assim naquele momento da gente está sendo pintado ali naquela hora, a gente tem que se concentrar também ne, porque assim não e uma coisa atoa ne, não e uma coisa atoa, quando alguém pinta a gente, que ali ele ta, trazendo na tinta dele essa questão espiritual ne então muitas vezes a gente brinca e tudo mais nesse momento a gente tem que buscar mais, se concentrar o máximo para poder essas forças está junto da gente, essa forças dos mais velhos, essas forças ai do antepassado ne, então acredito mais bastante nisso ne, nessas histórias assim ne, acho que isso. (ARIPÔTXÊ PATA XO, 2015).

Fazer uma pintura corporal requer muita habilidade e técnica, principalmente ter pulso firme, para traços precisos, portanto não é qualquer pessoa que consegue realizar essas pinturas mais detalhadas do nosso povo pataxó, como, por exemplo, as pinturas dos membros solteiros das comunidades indígenas.

Formas de pinturas

Pintura antigas



Imagem 8: As primeiras formas de pintura pataxó.. Fotografia de Txihi Pataxó, 2015.

25

Pakuyo (homem solteiro)



Imagem 9: Pakuyo. Fotografia de Txihi Pataxó, 2015

Pintura de *Ãko* (mulher solteira)



26

Imagem 10: *Ãko*. Fotografia de Ibuí Pataxó, 2015.



Imagem 11: *Ãko*. Fotografia de Ibuí Pataxó, 2015.

Pintura de *Kakuseka* (homem casado)



Imagem12: Kakuseka. Fotografia de TxihIPataxó, 2015.

Pintura de *Beketxia* (mulher casada)

27



Imagem13: Beketxia. Fotografia de Charles Bonfim Braz, 2016

Pintura de *Kitok*



Imagem 14: Kitok. Fotografia de Thiago Pataxó, 2015.

28

Pintura de *Kitok'ihe*



Imagem 15: Kitok'ihe. Fotografia de Thiago Pataxó, 2015.

Pintura de *Kakussu* (costa)

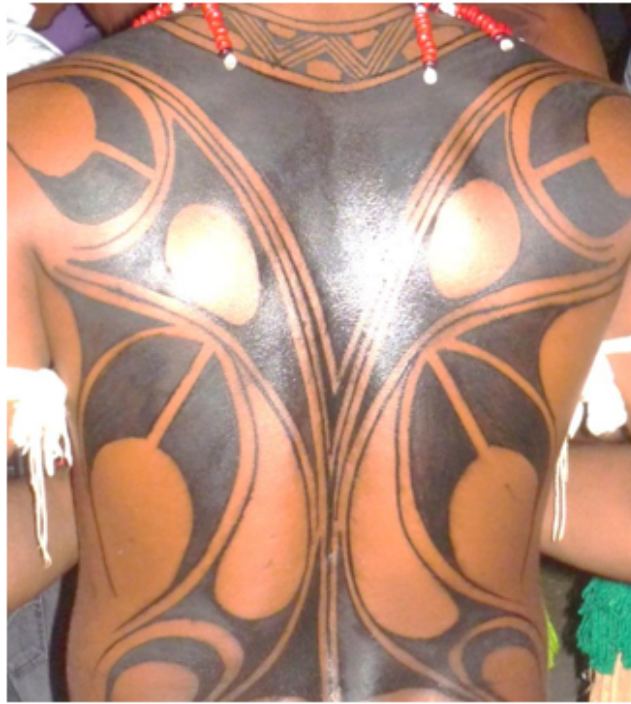


Imagem16: Exemplo de Pintura das costas. Fotografia de Txihí Pataxó, 2015.

29



Imagem 17: Exemplo de Pintura das costas. Fotografia de Txihí Pataxó, 2015.

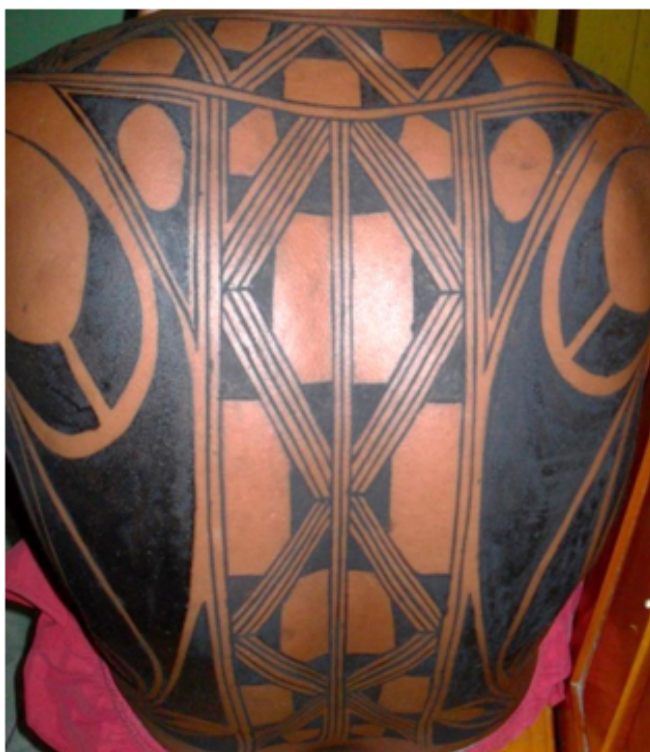


Imagem 18: Exemplo de Pintura das costas. Fotografia de Txihí Pataxó, 2015.

30



Imagem 19: Exemplo de Pintura das costas. Fotografia de Txihí Pataxó, 2015.

Jokana (costa)



31

Imagem 20: Exemplo de Pintura das costas em mulheres. Fotografia de Txihi Pataxó, 2015.



Imagem 21: Exemplo de Pintura das costas em mulheres. Fotografia de Thiago Pataxó, 2015.

Kakuseká* braço *pakuyo



Imagem 22: Diferenças entre as pinturas dos braços dos homens. Fotografia de Graziane Andrade, 2015.

Braço da jokana (beketxia)

Símbolo masculino



Solteira

Casada

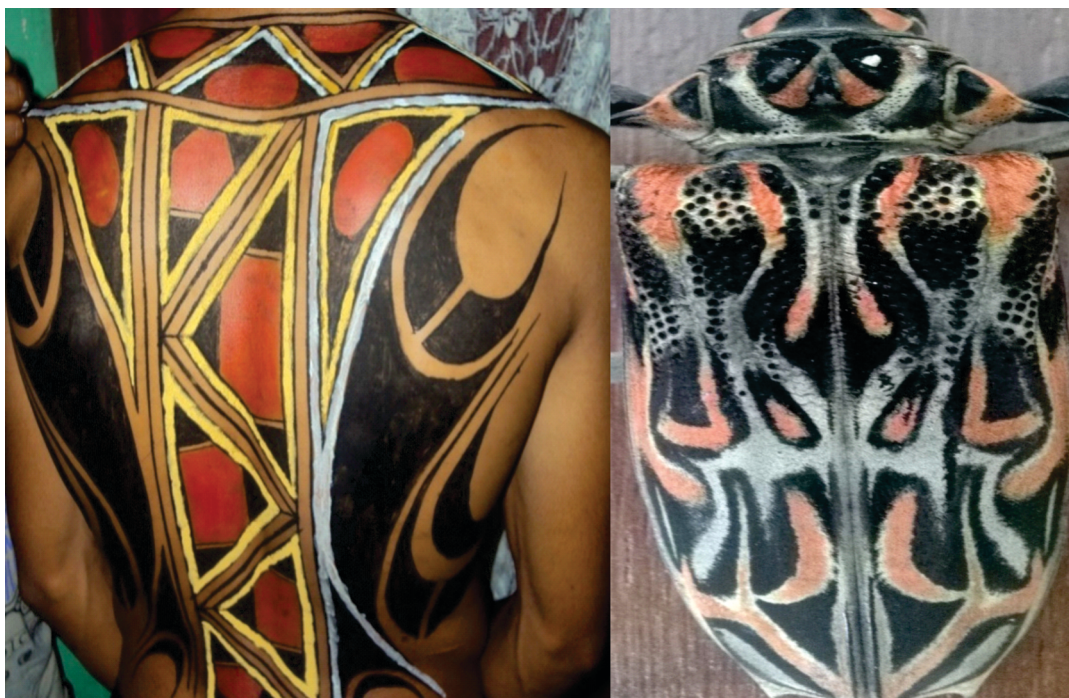
Imagem 23: Diferenças entre as pinturas dos braços das mulheres. Fotografia de Graziane Andrade e Vi Tanawara Pataxó, 2015.

Pintura da Onça, do Besouro e da Borboleta

Em seus momentos de rituais e comemorações dentro da cultura pataxó é comum que os jovens guerreiros homenageiem alguns elementos da natureza, como o *miruã* (besouro), a *remungai* (onça), *mukusuy* (peixe), ou a *ipakéy* (borboleta).

O besouro: é um símbolo de força, aquele que não tem medo. Ele é quem destrói qualquer obstáculo no caminho, essa força que não deixa o guerreiro desistir das suas tarefas do cotidiano nas aldeias pataxó.

Miruã (Besouro)

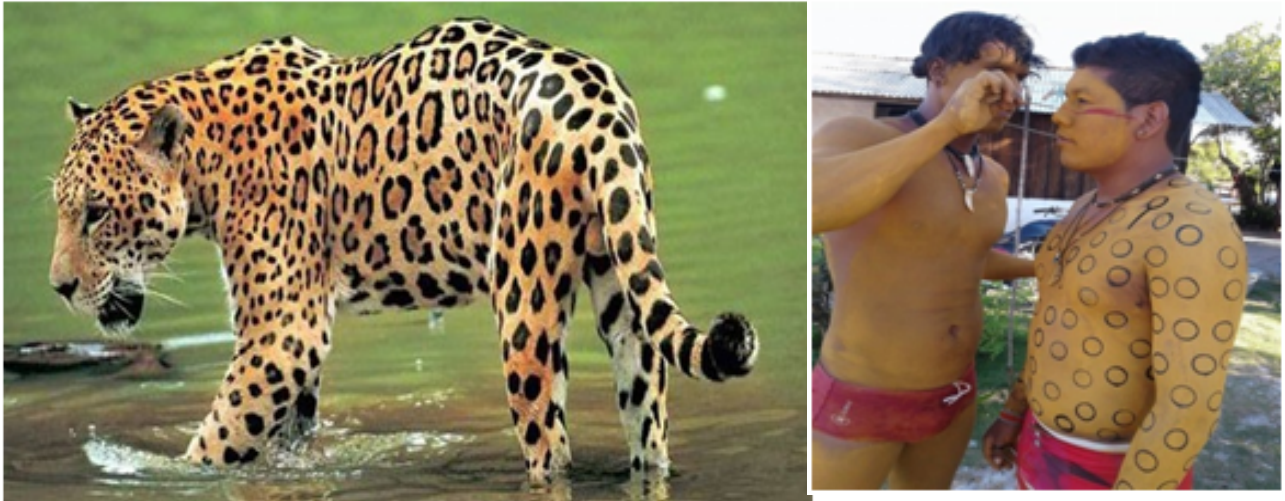


34

Imagens 24 e 25: Pintura do Besouro nas costas. Besouro. Fotografias de Txihí Pataxó e Thiago Pataxó, 2015.

Remugãï (Onça)

Remugãï, a onça, representa para o povo pataxó a protetora da natureza contra os *indihi*; ela é um símbolo de força, de caça e de camuflagem na floresta. O povo se pinta em homenagem a onça em seus momentos de festividades dentro da aldeia.



Imagens 26 e 27: Onça Pintada. Pintura da onça pintada. Fotografias da Internet e do Sandro Pataxó, 2015.

Ipakéy (Borboleta)

35

Borboleta é um símbolo de beleza, tudo que a natureza tem de bonito é representado pela borboleta. Essa pintura é utilizada pelas mulheres da aldeia para atrair um companheiro.



Imagens 28 e 29: Borboleta. Pintura da borboleta. Fotografias da Internet e de Graziane Andrade, 2016.

Considerações Finais

Quando pensamos em realizar essa pesquisa sobre pintura corporal Pataxó, pensamos que desse modo poderíamos fazer um trabalho de registro dos traços e significados da pintura do nosso povo e os elementos que a constituem, pois até então não tinha sido realizado nenhuma pesquisa por um indígena sobre tal tema. Percebemos também que alguns traços das pinturas Pataxó vem se modificando a cada geração, assim vimos a necessidade de registrar e catalogar através de texto e fotografias os elementos e traços que as constituem.

Ao longo do processo de pesquisa percebemos que o assunto era muito mais relevante e importante para nosso povo do que a ideia no início do trabalho nós tínhamos. Podemos perceber que por trás de traços aplicados no corpo de um índio havia toda uma história de luta e resistência pelas nossas tradições e preservação de nossa cultura.

36 Percebemos que havia muito a ser pesquisado, pois cada elemento que faz parte da pintura corporal dispõe de um significado. Há também maneiras e formas de serem feitas cada pintura corporal, notamos também que não é qualquer pessoa que tem as habilidades necessárias para saber o momento de extração de materiais usados para a extração da tinta como, por exemplo, a colheita do jenipapo.

Percebendo isso começamos a pesquisar com nossos anciões, com a curiosidade de saber todo o processo de vivência deles com a pintura Pataxó nas suas próprias gerações. Após conversas e entrevistas, começamos a conhecer todo o contexto histórico relacionado à pintura corporal Pataxó que por muito tempo ficou guardado em suas memórias.

Depois de conhecer todo esse contexto histórico com os anciões, fomos pesquisar com as novas gerações de pintores, que surgiram em nossa aldeia, o que eles pensavam sobre a pintura corporal, quais eram seus pontos de vista relacionados ao momento de realização das pinturas e o que elas representam para eles e também para toda a comunidade Pataxó, na atualidade.

Esperamos que esse trabalho venha a ajudar as novas gerações a conhecer um pouco sobre a história da pintura corporal do nosso povo, sendo que os mesmos não terão as oportunidades que tivemos em realizar essa pesquisa, pois os anciões que conversamos estão indo embora e levando com eles todos os conhecimentos e suas memórias.

Referências

- ANANIAS PATAXÓ. Entrevista. [10 abr., 2015]. Entrevista concedida aos autores.
- ARYPOTXÊ PATAXÓ. Entrevista. [23 abr., 2015]. Entrevista concedida aos autores.
- BAHIA.SECRATARIA DE EDUCAÇÃO.*Professores indígenas povo pataxó- leitura pataxó: raízes e vivencias do povo pataxó nas escolas*. Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.
- HUMBERTO JUNIOR DOS SANTOS. Entrevista. [23 abr., 2015]. Entrevista concedida aos autores.
- NAÍDIA SANTOS FERREIRA. Entrevista. [15 maio, 2015]. Entrevista concedida aos autores.
- POVO PATAXÓ. *Inventario Cultural Pataxó:Tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia*. Bahia :Atxôhã/Instituto Tribos Jovens(ITJ), 2011.
- RAONI BRAZVIEIRA. Entrevista. [05 abr., 2015]. Entrevista concedida aos autores.
- Uilding Cristiano Braz. Entrevista. [15 abr., 2015]. Entrevista concedida aos autores.

Anexo I

Entrevista com Humberto Junior Braz dos Santos

Entrevistado: Assim a pintura ela é tem o seu grande valor e a sua grande historia para nós indígena, porque hoje em dia não só para nós aqui de Barra Velha, mas como pataxó em geral ele é reconhecido. Qualquer etnia ele é reconhecido pelo seu modo de pintar, de seu vestimento que é seu tupsay, e assim as pinturas elas representa o sagrado pra gente. A parti do momento que um guerreiro esta pintando e esta sendo pintado, a gente tem que ter um respeito maior pela aquilo que a gente ta fazendo como Aripotxe já citou né, hoje em dia aqui na nossa comunidade temos pintura para criança, especificando o gênero como mulher, como menino né, temos pintura aí para adultos, e assim cada pintura tem um significado né e assim os traços também né onde as pinturas digamos assim mais chamativas é utilizadas principalmente pelos jovens que são solteiros né e as mais simples é pelos Kakusu ou pelas jokanas que são casados. Só de você olhar pra um parente né através do conhecimento que cê sabe daquela cultura cê sabe o que significa aquela pintura se a pessoa é casada ou se é solteira né e assim quando a gente faz o preparo dessa tinta né a gente não tem que esta de corpo aberto a gente tem que ter um momento especial só da gente de ta nos comunicando com as forças naturais dos nossos espíritos a gente tem que ter uma preparação antes né. E assim pra pintar eu acredito que não é qualquer pessoa que sabe pintar isso já vem no dom de cada um, e assim né cada pessoa tem que ter aquele grande respeito e conhecimento pelo o que ele esta fazendo a gente não tem que se pintar só por bunitiza quando a gente faz uma pintura ou esta sendo pintado né a parti daquele momento cê se sente assim mais forte né porque é isso que a pintura traz pra gente no momento que um parente esta baquiado quando ele se pinta ele se sente mais alegre né e assim a pintura hoje ela esta bem forte na nossa comunidade de Barra Velha né onde usamos ela em no nosso dia a dia mermo principalmente nos nossos rituaisné e hoje em dia né eu acredito que nós como professores temos essa obrigação de repassar esse conhecimento que a gente sabe né pros nossos alunos né de ta incentivando eles a ta praticando sua a cultura né, fazendo sua pintura né, a parti do momento que o gerrero ele ta fazendo um massaca ali ele ta colocando o seu saber em pratica né como eu já citei a pintura esta presente em qualquer parte da nossa vida porque ela simboliza assim né uma força maior né a força de tupã né porque através da pintura, através do canto, da dança, do nosso idioma né é que nossos parentes consegue o nosso objetivo como no passado mesmo a gente sofreu muito em questões disso né principalmente quando a gente nossos parentes saiam fora da aldeia caso é um não índio né vesse um índio pintado ele era muito discriminado né e até hoje a gente sente um pouco dessa discriminação mas não devemos abaixar a cabeça por isso né porque nós somos os primeiros brasileiros né fomos nós quando os portugueses chegaram aqui que a gente já estava aqui né então desde do inicio né a pintura já vem nos acompanhando a muito tempo né e assim uma das pinturas né, umas das tintas né que era e é hoje muito utilizada né por nossos parentes é a tinta do urucum né, do urucum porquê? Porque ela simboliza o sinal de luta de batalha mesmo né, não aquela batalha do índio lutar com ferramentas que não pertence ele né, mais aquela batalha de sabedoria né, de saber o seu direito onde chegar e onde sair né e assim a gente só passou a utilizar a tinta do jenipapo né a tinta preta a parti da morte do índio Galdino né morto por pessoas né que que assim se sente o dono do mundo né que fizeram uma malvadeza com nosso parente em Brasília né e assim a gente usa essa a tinta preta como sinal de luto pela a

morte do nosso parente né que morreu lutando pelo seu objetivo né de ta conquistando a sua terra né de ta conquistando o seu próprio direito né e assim né apesar dessa fatalidade que aconteceu isso só nos fez crescer cada vez mais e sermos mais reconhecido por isso né e hoje em dia estamos lutando né pra que a gente seja mais reconhecido e um dessas ferramentas é a educação com a ajuda da escola hoje a gente ta conseguindo né nos evoluir cada vez mais né e assim nunca devemos abaixar a cabeça né pelo que venha acontecer no nosso né dia a dia né e assim um grande impacto né que a gente né sofreu alguns tempos atrás né foi com a questão com a chegada da energia né hoje em dia a gente vê que a nossa cultura né teve uma caída mais ta começando a crescer novamente alguns tempos atrás a gente não via um fogo, um parente comendo um peixe assado porque a gente sabemos que a energia também tem os seus pontos positivos né nós devemos utilizar ela como uma fonte de nos enriquecer cada vez mais né e assim uma mensagem que eu deixo né em questão disso é que não só eu, não só vocês ai como estamos aqui nesse momento né que vai fazer essa diferença eu acredito que é o nosso trabalho de formiguinha que vai fazer a gente daqui pra frente falar um pouco mais né da questão da nossa cultura eu vejo que a responsabilidade agora esta em nossas mãos de fazer a nossa aldeia crescer mesmo né na questão cultural porque é isso que nos falta como eu já disse os nossos velhos muitos estão cansados conseguiu o que eles queriam né pra hoje a gente esta em cima desta terra e a gente tem que dar o valor né e uns dos valores né é preservar a nossa cultura mesmo porque hoje em dia o índio ele é muito reconhecido ainda principalmente aqueles que tem a sua cultura firme e forte né e estamos lutando pra isso né e eu como professor acredito que a gente vai conseguir né basta a gente estarmos mais unidos, unidos né assim mais presente um próximo ao outro né fazendo esses trabalhos comunitários pra que a nossa aldeia possa crescer cada vez mais. NITXIAWERY TAPUTARY.

Entrevista com Arypotxê Pataxó

40

Entrevistado: Eu vou falar aqui sobre um pouco sobre pintura corporal, ne, que pintura corporal e um bem cultural, ne, de grande valor para nosso povo pataxó, ne, e muitos anos atrás, ne, as pinturas corporais elas quase se perderam, ne, e quase foram muito pouco usada pelos nossos parentes, mas hoje, ne, nos, nos, assim, as pinturas corporais, ne, para nos significa um pouco da nossa história, ne, história do povo pataxó, do sentimento do cotidiano, ne, também a conquista do nosso território tudo isso envolve nas pinturas corporais, ne, então a pintura corporal também, ela tem esse grande valor, ne, para nos independente da alegria ou não, ate mesmo quando esta triste, ne, ela sempre esta presente com nos, então a pintura ne tem os significas delas ne no caso da cor vermelha. A cor vermelha e extraída da matéria prima o urucum, a cor preta e extraída do jenipapo (mikare) com o auxilio do carvão ne e cor amarela que hoje nos usamos ne e a cor branca e extraída do material do barro, argila e para cada cor ne, nos usamos para cada pintura que nos usamos ela tem seus significado também, a cor vermelha para nos pataxó simboliza a guerra, nossos parentes saia em busca da, do território da aldeia mãe barra velha ne diz que quando ia pra essas pintado de vermelho, e cor preta usa ne simbolizando luto dos parentes que já se foi dos ancestrais e também nos usamos também nos nossos rituais luau dia do índio jogos indígenas ne apresentações fora da aldeia, e a cor amarelo e branca que e extraído do barro significa, a cor amarela significa riqueza ne, não e a riqueza que nós fala no kaiãba, (dinheiro) os parente os parente tem bastante kaiãba (dinheiro) caso não e rico ne, mas simbolizando a lua ne o sol, a estrela, céu e tudo que faz parte da natureza ne, nessa cor amarela e cor branca simboliza a paz ne entre nos os parentes ne todas as aldeias simboliza essa paz que nos tem e de interação mesmo, união com os outros parentes ne, então to falando um pouquinho sobre a pintura ne que para se preparar as tintas tem todo um ritual, ne, não se pode fazer a tinta assim de qualquer jeito, ne, tem que ter o momento certo fazer a preparação, falar um pouquinho da cor vermelha, da cor preta, ne, que extraída do momento, a noite pode... a noite não pode ser qualquer noite que nos podemos, ne, a lua, por que a lua, pra tirar esse, essa fruta, pra fazer preparação da tinta. Então a pintura hoje para noster um grande significado, ne, de tá abrangendo, ne, vários momentos que nos temos em nossas vidas, ne, os encontros ne com os parentes sempre nos esta levando nossas pinturas pra mostrar ne e uma também beleza cultural ne que nos podemos é esta mostrando, ne, não so para nos, mais sim para o mundo ai fora.

Entrevistadores: você como uma das pessoas que pinta os parentes, como e pra você esta pintando um parente um parente como você se sente?

Entrevistado: Então no momento de ta fazendo as pinturas ne sempre eu busco meu momento ne de ta fumando meu timbero ne cherando meu kuhuitu agora das medicinas que nos ta trazendo de novo de volta que e do povo pataxó ne sempre eu ne essa preparação comigo e também busco também, ne, os traços de animais ne nos ta podendo levar pra ta fazendo essas pinturas ne, no caso a pintura do besouro, ne, alguns detalhes da borboletas os animais que podemos observar alguns traços...(ruídos).

Entrevistadores:Quais os significados das pinturas das pinturas?

Entrevistado:As pinturas também tem vários significados ne, para cada pintura tem um significado, e para quem, para cada membro da aldeia também tem uma pintura especifica ,tem pintura para, homem casado(kakuseka) , homem solteiro(kakusú), mulher casada(beketxiá), mulher solteira(ãko), tem para menino(kitoki) e para menina(kito'ihé), tem para pajé tem para cacique(akaieko) ,para todo membro da aldeia tem uma pintura especifica.

Entrevista com Uilding Cristiano Braz

E quando a gente fala assim em pintura né a gente tem que voltar bastante no tempo né nessa questão da pintura né porque muitos falam assim que pataxó não existia pintura né, mais pelas histórias quando a gente sabe pelos nossos mais velhos e nos momentos de rituais e principalmente e de momentos de guerras eles faziam de certa forma sua pintura né e era o da cor vermelha né a gente sabe que é feita com urucum, então quando hoje a gente faz uma pintura numa pessoa num parente da gente , a gente está buscando revivescência, aquilo que nossos antepassados viveram né seja em momento de guerra né ,que hoje a gente tá em constante em guerra aí, principalmente na questão dos movimentos sociais aí né , contra os indígenas , seja em momento de luto também né, então quando a gente pinta uma pessoa, a gente está reverenciando novamente esse passado da gente né ,e também assim de certa forma fortalecendo hoje essa questão da nossa identidade cultural né ,essa identidade do ser pataxó né, e eu mesmo quando eu ,quando vou fazer uma pintura né , primeiro tem aquela questão do da preparação dela da tinta, hoje por exemplo do jenipapo né ,a gente tem uma preparação dessa tinta ,onde tem a lua certa ,a noite certa pra gente fazer ela né , e quando a gente faz o , a tinta na noite adequada ,e nós temos que deixar ela e ficar de um dia para o outro né ficar de um dia para o outro de uma noite para o outro para o dia , por que assim a gente acredita assim que ao passar da noite e o nosso mundo ele é cheio de seres assim que a gente não vê né ,mais a gente acredita nele né, então ao deixar essa tinta da noite para o dia a gente acredita assim que as nossas forças né, espirituais elas vêm ali pra dentro daquela tinta né, então a partir de quando essa tinta tá pronta ,quando a gente vai pintar um parente , a gente vai levando essa força né, essa força espiritual para o parente ,então e quando é a pessoa ,a gente pinta a gente também né, a gente busca assim naquele momento da gente está sendo pintado ali naquela hora, a gente tem que se concentrar também né , porque assim não é uma coisa atoa né ,não é uma coisa atoa , quando alguém pinta a gente , que ali ele tá ,trazendo na tinta dele essa questão espiritual né então muitas vezes a gente brinca e tudo mais nesse momento a gente tem que buscar mais , se concentrar o máximo para poder essas forças está junto da gente, essa forças dos mais velhos , essas forças aí do antepassado né, então acredito mais bastante nisso né, nessas histórias assim né, acho que isso .

Entrevista com Raonir Pataxó

A parte da pintura né dentro da cultura do povo pataxó né, ela foi sempre o vermelho né, vermelho sempre representou a questão da resistência do povo pataxó né, e o povo pataxó quando ele ia fazer né, as suas caminhadas, os seus momentos né, dependendo qual momento fosse, tanto ali momento de luta, de reivindicação, momento de cerimônia religiosa tanto, em diversos tipos de cerimônias né, eles sempre se utilizava do vermelho né, contam alguns velhos que o urucum , o vermelho né, ele , ele faz com que seu, quando você se pinta de todo de vermelho né, você tem o pê tem o próprio cheiro da natureza né, você não fica como se você , como se você tivesse cheirando próprio humano né, então o vermelho traga muito isso né, de primeiro aqui no céu na parte alta da aldeia , tinha uma pessoa responsável que recebia outros parentes né, isso foi a um bom tempo atrás que aonde né, essa pessoa responsável ela pintava o corpo todo de urucum, de vermelho, pra receber os outros parentes né, que não tinha o contato com ainda, é com o mundo civilizado né, eles achavam estranho o cheiro , né então ela se pintava de urucum pra ´poder tá cheirando a própria floresta né, então desse jeito ela ficava né, todo tempo de lua ela se preparava pra poder receber os parentes e aí , um bom tempo né, depois veio a ser introduzido o preto né, que é o jenipapo e ao longo de todos esses tempos o povo pataxó, assim , não tinha muitos traços , dentro da sua pintura, dentro do seu grafismo, não tinha quase traço né , bem, bem, como tem hoje né, mais de primeiro também se utilizava esses traços não , não apenas através da pintura no corpo né, esses traços vinham também nos artesanatos né, de primeiro se fazia muita lança, se fazia muito arco, os tecidos, os tisunos que eles falavam né, já trazia os traços da pintura né através desses traços né, num tecido que era feito nesses artesanatos né, não apenas no corpo, mais também nesses artesanatos que era confeccionados que era tecido né, é com , com a palha né, e com a embira né, e ai eles acabavam pintando também né, de vermelho e se não, preto também, via uma, uma, casca de madeira que tinha o tingimento preto ou vermelho pra poder pra poder fazer esses timentos e assim o povo pataxó teve grandes momentos na sua trajetória de luta, que foi marcado pelo vermelho né, e assim marcou muito né, a história do povo pataxó, as andanças que eles faziam muito, pra Porto Seguro né, pra Arraial da juda, pro Monte Pascoal, então o vermelho para o povo pataxó, nunca foi separado né, e assim, vinte, trinta anos atrás, atrás aí foi introduzido o preto né, já veio com outros traços diferente, também né, esses traços é, a gente sabe que ao longo do tempo a cultura ela é dinâmica né, ela vai mudando de acordo com a sua população, com a vivência do povo né, e hoje né, esses traços né, é também, tá no artesanato, muito mais presente hoje né, nos colares feitos de sementes né, é hoje, é esse nosso grafismo né, é, cresceu muito ,é, através de traços , não é apenas o vermelho, mais hoje, também agente , é acabou utilizando o tawá que é o barro amarelo, o barro vermelho, o barro branco também que é utilizado também né, então houve assim um crescimento muito grande da parte da própria né, da própria pintura em si né, e hoje a nossa pintura né, tem, diferencia né, a pintura do homem, a pintura da mulher né, pra poder utilizar nos braços, nas pernas, é também tem a pintura do que representa, que simboliza a mulher casada, a mulher solteira né, a mulher casada ela num traga traços tão forte né, é a mulher solteira já traga traços mais forte, mais colorido pra poder simbolizar que ela é solteira né, dentro do grafismo pataxó. E ai tem as pinturas né, que é pro casamento né, tem as pinturas que são utilizadas nuns diversos momentos, também, diversos tipos de rituais, nós temos pintura que simboliza também né, os animais da natureza né, a própria onça, pintar o corpo todo de amarelo, depois

fazer uns círculos no corpo que simboliza a pintura da onça né, é entre outras né, a pintura da cobra né, tem muitas e muitas pinturas que simboliza o que vem através , do né, do traço , da natureza , pintura da borboleta né, pintura do besouro, tem diversos tipos de pintura que hoje né, agente observando, a gente acaba tirando essas pintura, esses grafismo da natureza né, isso é muito interessante pra identidade do próprio povo, e assim hoje né, agente temos dentro dos nossos livros didático né, algumas pinturas que que hoje são registrada né, mais cada dia que se passa né, a , a, se modifica né, alguns traços da pintura pataxó ,mas tem aquela que também né, que simboliza né, que é a marca do povo pataxó né, só o povo pataxó tem ,então isso é muito importante né, e assim o preto também ele tem uma importância muito grande né, o preto ele simboliza o luto , simboliza a, também a parte da guerra simboliza esse momento de ,da luta , do movimento indígena , né, e então hoje é, ta sendo utilizado com bastante frequência né, pintura do povo pataxó, é, assim, bom tempo atrás também , o nosso povo deixou de usar a pintura forçado , por conta da discriminação, do preconceito , também , isso é muito importante lembrar que assim , o nosso povo sofreu muito né, por conta da sua própria identidade cultural , e a identidade do povo né, é a sua pintura , é a sua cultura , é o seu costume né, então , se você deixa de usar isso né, se você é oprimido , é obrigado né, a deixar de utilizar isso, então é uma perda muito grande, de você deixar de se utilizar no dia a dia, né, é importante agente lembrar né, desse tempo que foi, o povo pataxó sofreu, né, que foi na época né, do massacre né, que aonde o povo pataxó é, era discriminado por ser pataxó né, por ser indígena né, então eles não podiam se utilizar do que era seu , da sua própria pintura, do seu artesanato, dos seus cantos, das suas danças, por conta desse processo violento do próprio estado, do próprio sistema né, então é muito difícil agente poder falar isso né, mais hoje agente né, por conta dessa luta dos nossos mais velhos , muita coisa se reverteu , hoje a gente pode se utilizar isso dentro do próprio espaço da escola ,com as nossas crianças, com nossos jovens né, e também é, respeitando e valorizando o conhecimento dos nossos anciões através das pinturas corporais, através do que utilizado, então é muito importante , agente ter isso dentro do né, do nosso cotidiano , mais também, assim foi uma luta também pra poder hoje a gente se apoderar a se utilizar disso né, o que é nosso né, da nossa identidade né, e é interessante também, hoje agente começar a fazer isso até mesmo, não apenas dentro do espaço da escola, mas agente levar isso para dentro das nossas próprias casas né, se utilizar isso, com as nossas crianças, né, é colocar o incentivo né, acho que nós temos uma responsabilidade muito grande, é de ta né, sempre revivendo isso né, sempre de ta cultivando isso que foi deixado né, com muita honra, né, pra nós, que foi a luta dos nossos velhos né, então não é porque hoje a gente tem essa liberdade né, que nós vivemos hoje, que vamos deixar de usar né, quanto mais usar a gente ta mostrando, ta dizendo que nós temos uma identidade , nós somos um povo, que o povo sem, também sem seus traços, ele acaba perdendo muita coisa também . Assim, essa questão do artista né, ter essa habilidade da questão de pintar o grafismo né, da pintura pataxó , e assim a gente vê dentro da própria comunidade , só mais os homens né, tem essas pratica, mais isso não quer dizer que as mulheres não são capazes de fazer isso, em outras aldeias tem meninas pataxó que pintam muito bem, né, que faz traços bem bacana também, e as mulheres são bem delicada para poder fazer isso né, talvez aqui a gente também temos né, só que a gente tem que aproveitar né, as próprias mulheres que pintam pra poder , e assim, a gente deixar também com que as crianças né, é, se utilize do material da própria tinta, pra elas, se pintar, elas mesmo né, então dali que surge é , os bons desenhistas né, os bons desenhistas dentro da, da própria pintura né, então, assim

a gente temos, mas só o que falta também, é o incentivo, esse espaço delas poderem tá se pintando mesmo né, então é muito interessante isso, pelo menos aqui dentro de Barra Velha, mais os homens tem a prática de pintar né, então seria interessante fazer o momento também pra as próprias mulheres, é, colocar sua prática de pintura. Assim a questão de poder pintar assim, uma turma assim é muito cansativa, né, por que você precisa dedicar é, aquele tempo só pra poder fazer aquilo né, mas assim, é muito satisfatório poder pintar assim o parente e vê que ele se sentiu bem né, e também, é não é também assim, obrigado o parente pintar, mas a gente tem que incentivar o parente e dizer a importância, do que é, uma pintura, não apenas uma pintura né, mas a importância do que é a própria pintura pra a nossa própria identidade né, e assim, quando eu tô pintado né, gosto muito de pintar o corpo de vermelho né, isso representa resistência né, isso representa uma história, uma luta né, dos nossos velhos né, uma trajetória de luta do nosso povo né, a caminhada de vida deles, o que eles passaram pra poder agente chegar nos tempos atuais né, então quando você tá ali com a pintura, que mostra, que simboliza, então você, é, relembra muita coisa, dependendo da pintura que você faz né, você tem um momento assim muito diferente um do outro né, dependendo pra cada momento, cada pintura que você faz, você se sente, é diferente dentro daquela pintura que você faz então isso é muito interessante.

Entrevista com Anaidia

A pintura , a pintura de primeiro dos índios pataxó ,eles fazia um arco aqui né, , fazia uma flechia ,fazia otonegocim assim no nariz e nos braços ,nas pernas , por que de primeiro não tinha essa semente né pra fazer colar só era a tinta do urucum mesmo e a tinta do jenipapo hoje em dia eu vou explicar pra você porque foi da vez que o índio Galdino morreu em Brasília matarão ele né, ai então botarão luto nele , botarão luto nele com tinta de jenipapo ai quando eu tive ne, foi ne rio de janeiro, ai eles tava perguntando pra gente lá né, agente explico por carde que era, mais a tinta de jenipapo não era feito pera gente não, só na morte do Galdino, agente usava só urucum mesmo, era. korona nunca usei não, mais a tinta da korona é quase junta o jenipapo né, que é pretinha, por que o korana fazia tinta pá, quando os véimurria fazia a tinta pra meter a ropa dento pra ficar preta, era o luto dos índio de primeiro era a foia a bichada da korana a fruitinha dela, fica tudo pretinha né bota ela dend'agua ela fica preta, não, precisa cunzinhar não, é que dá nu brejo assim, essa korana que eu tó falando é de outa, ela a fruitinha dela é tamanhe de um carocim de murtinha, é, ela é miudinha a fruta da korana, agora essa que você tá falando eu num sei, essa da mata eu num sei, essa é de ota, ela dá mais na bera do brejo.ente ,é diferente dentro daquela pintura que você faz então isso é muito interessante.

GRAZIANE ANDRADE CONCEIÇÃO
THIAGO BRAZ DO NASCIMENTO

PINTURA CORPORAL
PATAXÓ
DE BARRA VELHA

MOYTÄXÖ WÄY TXÖ APEKÔY
PATAXÓ
UPÛ ARAHUANA'Ã MAKIAME

